

Prefácio

Desde a Antiguidade, os cristãos, em geral, confessam sua crença na “igreja una, santa, universal e apostólica”, como diz o Credo Niceno. Quando o credo foi redigido, essa definição de igreja não era particularmente controversa, e no decorrer dos séculos, dificilmente alguém ponderava seu significado. A igreja tinha suas rixas, e apesar de algumas terem se mostrado espinhosas e causado divisões permanentes, a maioria das pessoas continuava achando que com um pouco de boa vontade das partes envolvidas, as diferenças seriam acertadas e a união evidente da antiga igreja seria restaurada. Somente na Reforma Protestante ocorrida no século 16 essa pressuposição foi seriamente contestada, e mesmo assim os reformados insistiam em dizer que o credo expressava seu entendimento da igreja, e esperavam que suas iniciativas trouxessem de volta a unidade e pureza que todos desejavam.

Mas, percebendo ou não, os reformados estavam desenvolvendo conceitos sobre a natureza da igreja que eram diferentes da crença comum da época. O interesse deles não era apenas acabar com a corrupção ou livrar-se dos desvios óbvios do sistema tradicional. Queriam uma estrutura eclesiástica fundamentada em sua compreensão dos princípios do Novo Testamento, os quais, acreditavam, tinham sido abandonados ou esquecidos com o passar do tempo. Houve na Inglaterra uma tentativa séria de unir essa nova compreensão bíblica ao padrão tradicional da igreja, e os promotores da união acreditavam ter alcançado o melhor dos dois mundos. Infelizmente, como logo perceberam, os tradicionalistas não aceitaram suas doutrinas, e os re-

formados mais radicais resistiram ao que entendiam ser relíquias que deveriam ser completamente rejeitadas.

O resultado foi uma guerra civil em que diferentes conceitos da igreja competiram entre si. No fim, o acordo original foi reinstalado, contudo, não podia mais reivindicar monopólio, e o mundo de fala inglesa abrigou grupos antagonistas de cristãos que desenvolveram suas eclesiologias no formato que hoje chamamos de “denominações”.

Seja bom ou ruim, essas denominações continuam a existir, e quem concorda com os outros artigos do credo interpreta sua afirmação a respeito da igreja de modo a refletir e perpetuar as divisões pós-Reforma. O mundo cristão inteiro é afetado por isso, mas, enquanto em outros países existe uma igreja ou tradição dominante, é naqueles afetados diretamente pela crise da Reforma Inglesa que as questões eclesiológicas têm mais chances de alterar a rotina do praticante religioso comum. Não é à toa que rótulos como “episcopal”, “presbiteriana” e “congregacional” são usados para definir algumas, igrejas – o seu sistema governacional, mais do que sua doutrina, as destaca umas, das outras. Isso é verdadeiro mesmo em relação aos “batistas”, uma vez que a recusa do batismo infantil é uma declaração sobre a natureza da igreja tanto quanto ao estado do bebê no conceito de Deus.

Este livro não trata da história da igreja, e também não é uma exposição de sua doutrina. Ele é uma tentativa de compreender como e por que os diferentes grupos cristãos de hoje passaram a entender a igreja da maneira que entendem e por que persistem em suas interpretações eclesiológicas mesmo sabendo que com isso perpetuam a desunião do mundo cristão. O excêntrico ecumenista anglicano William Palmer (1803-85) acreditava que a igreja era parecida com uma árvore que cresceu e produziu ramos diferentes. Para ele, a Igreja Católica Romana, as igrejas Ortodoxas e a Igreja Anglicana foram as vertentes mais importantes, e Palmer esperava que elas reconhecessem umas, às outras, ou até mesmo se reconciliassem, por causa da fundação comum no tronco original.

A “teoria da vertente” de Palmer sobre a igreja não conquistou muitos simpatizantes naquela época e hoje é tratada como uma curiosidade e não um modelo sério de eclesiologia; contudo, se entendida da ma-

neira correta, ela é mais louvável do que parece de início. Não há como negar que a igreja cresceu e expandiu-se pelo mundo. No processo, ela se dividiu em diferentes vertentes, não de modo natural (como Palmer achava), e sim como resultado de conflitos, equívocos, conveniência política e também incompatibilidade doutrinária. O triste é que se a igreja é mesmo o corpo de Cristo, ela tem feridas como prova disso.

Muito já se escreveu sobre essa história, quase sempre da perspectiva denominacional dos escritores, perspectiva que eles desejam justificar à luz da teologia, história e experiências. Muitas vezes, eles retratam seus antepassados espirituais como santos e heróis que foram perseguidos ou, no mínimo, mal compreendidos por seus contemporâneos, e estes são apresentados automaticamente como vilões. Essa abordagem “branco no preto” está hoje em retrocesso, especialmente nos círculos acadêmicos, mas, ninguém está completamente livre de preconceitos, e as antigas linhas de divisão continuam bastante visíveis, mesmo que sejam apenas na maneira de abordar e analisar o assunto.

O resultado é que com frequência a eclesiologia é uma exposição do que um teólogo acha que a igreja deveria ser, e não do que ela realmente é. Às vezes, apologistas de um ponto de vista em particular resolvem esse problema simplesmente excluindo da igreja quem não se encaixa no seu retrato do que a igreja deve ser. Os exemplos mais óbvios desse comportamento são encontrados na tradição da Igreja Católica Romana, cujos teólogos, alinhados com o seu ensino oficial, asseveram com frequência que quem não estiver em comunhão com a diocese de Roma está fora da igreja. Outros são mais generosos ao lidar com grupos cristãos diferentes, e até mesmo a Igreja Católica moderou sua posição desde o Conselho Vaticano Segundo (1962-65), mas, aqueles que defendem que o seu modelo de igreja é o correto acabam descobrindo que é difícil ser justo com outros pontos de vista. Apenas colocando-os no contexto histórico e procurando entender por que as tradições se tornaram o que são hoje é que conseguiremos obter alguma perspectiva no assunto e buscar elementos comuns que transponham nossas diferenças e que talvez nos ajudem a vencê-las. Não existe perspectiva de que a igreja irá recuperar sua antiga união tão cedo, e talvez nunca recupere. Mas, se entendermos uns aos ou-

tros, podemos dialogar com as tradições de terceiros e, quem sabe, até aprender com elas. É este o objetivo deste livro.

Dada a natureza da questão, nada mais justo que o autor deste livro revele sua identidade eclesiástica. Ele é sacerdote da Igreja Anglicana e segue a vertente evangélica da mesma. Ele já trabalhou, e em várias ocasiões cultuou, com igrejas Presbiterianas, Batistas, Irmãos Unidos, Igreja de Cristo, Igreja Católica e Igreja Ortodoxa, e aprendeu a apreciar todas elas sem abandonar sua lealdade à própria denominação. Ele espera que um pouco da profundidade do compromisso com sua tradição que também lhe permite ter comunhão com outros grupos transpareça ao leitor nesta curta introdução à doutrina da igreja. No final das contas, os cristãos são homens e mulheres nascidos de novo pelo Espírito de Deus e pertencem à igreja porque o Espírito os uniu no corpo de Cristo. O amor é a força vital dessa união, e quando aprendemos a amar a Deus passamos a entender quem ele é e quais são os seus propósitos para seu povo. Minha oração é que Deus o abençoe durante a leitura destas páginas e abra seus olhos para a maravilhosa graça com a qual ele alcançou um mundo de seres pecadores e chamou seus escolhidos para serem a sua igreja, agora e eternamente.

Gerald Bray

20 de agosto de 2014.